

ZOOLOGIA Medidas simples podem minimizar ataques de pumas a rebanhos

Selvageria ou carência nutricional?

Os pumas – onças-pardas – vêm atacando rebanhos de ovelhas no sul do país, levando os criadores a caçar e matar esses felinos. Mas a solução para o problema poderia ser outra: a adoção de medidas que minimizassem os ataques, com base em estudos sobre os hábitos do animal. Conhecer melhor o puma pode ser o caminho para a sua sobrevivência e para a convivência pacífica com as populações rurais. Por **Maurício E. Graipel**, do Departamento de Ecologia e Zoologia (Centro de Ciências Biológicas) da Universidade Federal de Santa Catarina, **Ivo R. Ghizoni Jr.** e **Marcelo Mazzolli**, do Projeto Puma.

O aparecimento em fazendas no interior do Brasil, nos últimos anos, de ovelhas e cabras mortas, com perfurações no pescoço e ‘sem sangue’, gerou especulações sobre a causa dessas mortes. Alimentar-se de sangue, porém, é um hábito comum em algumas espécies de animais silvestres, incluindo os felinos, que às vezes apenas lambem o sangue de suas presas e abandonam as carcaças praticamente intactas. Nesses casos, invariavelmente, o método adotado para eliminar o problema é o abate do predador, principalmente quando este é o puma.

O puma (*Puma concolor*), segundo maior felino das Américas (o maior é a onça-pintada, *Panthera*

onca), também é conhecido no Brasil como onça-parda, leão-baio, leão-da-montanha e suçuarana, e na América do Norte como *mountain lion*, *cougar* e *panther*. Não deve ser considerado muito perigoso para o homem, mas trata-se de um animal extremamente curioso: são comuns relatos de pessoas seguidas em caminhos ou estradas dentro de florestas e que só notam essa ‘companhia’ ao retornar pelo mesmo caminho e encontrar os rastros do animal. Os ataques a humanos limitam-se a poucos casos, principalmente na América do Norte.

Esse felino tem distribuição original extensa e contínua nas Américas e é capaz de viver em ambientes variados, mas suas exigências de área e alimentação são um fator de restrição à sua sobrevivência. O puma ocorre em todo o Brasil, mas a pressão de caça e o desmatamento vêm restringindo seu território às áreas menos populosas. Estudos feitos pela ONG catarinense Projeto Puma no sul do Brasil, principalmente em



O puma ataca animais de criação mais vulneráveis, como ovinos e caprinos criados de maneira extensiva, e geralmente consome só os órgãos internos se apenas uma presa (na imagem, uma ovelha) é abatida

FOTO DE BENJAMIN FARIAS

O puma ou onça-parda (*Puma concolor*) é pouco conhecido dos brasileiros, embora ocorra em todo o território nacional – ataques desse felino (imagem obtida por armadilha fotográfica) a humanos são extremamente raros



Santa Catarina, entre 1988 e 1995, constataram que as retaliações de pecuaristas aos pumas, após ataques aos rebanhos, foram provavelmente a principal causa de mortalidade da espécie. Ataques de outros predadores, como, por exemplo, cachorros domésticos, costumam ser tão danosos quanto os do puma, mas nem por isso todos os cães são exterminados.

A retaliação deve-se ao temor de predadores silvestres de grande porte, muitas vezes vistos com maus olhos pela população rural. É preciso, porém, compreender que esses animais têm grande importância ecológica: situados no topo da cadeia alimentar, são considerados espécies-chave, conceito que atribui a algumas espécies maior influência do que outras na sobrevivência e diversidade da comunidade silvestre. Em Barro Colorado, no Panamá, a ausência de predadores de grande porte foi apontada como causa da redução da diversidade de pássaros e da flora, devido ao aumento das populações de predadores médios, como o quati, e de herbívoros. A ausência de grandes predadores pode ainda afetar, indiretamente, a abundância de roedores, que em grande densidade podem ser danosos à agricultura e à saúde humana. Além disso, algumas medidas de prevenção contra ataques de predadores podem ser menos dispendiosas que o controle populacional de pragas mais comuns na agropecuária.

A discriminação dos criadores em relação ao puma deve-se, principalmente, ao comportamento de ataque do animal. Desde o século passado o felino é descrito, por pesquisadores sul-americanos, como um animal de grande ferocidade, um predador que mata 'por passatempo', fazendo mais vítimas do que o necessário para se manter, e que, às vezes, apenas lambe o sangue da presa. Sem dúvida, o hábito de abater mais presas do que pode consumir faz com que os pecuaristas atribuam ao puma requintes de selvageria e crueldade, justificando assim a caça da espécie.

Esse modo de pensar, no entanto, decorre da falta de conhecimento sobre as necessidades metabólicas do puma e os fatores que tornam os rebanhos domésticos mais vulneráveis e atrativos que presas silvestres. Há evidências de que a convivência da

espécie com atividades pecuárias é possível, desde que sejam adotadas técnicas adequadas de manejo dos rebanhos. Isso também pode ser conseguido em áreas de exploração florestal manejada – estas são importantes para a conservação da fauna, com um papel complementar ao das reservas oficiais do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (ver "Bases biológicas para a reserva legal", em CH n° 183). Exceto talvez na Amazônia, as reservas oficiais, por si só, são insuficientes para garantir a sobrevivência de espécies com grande demanda de território, como o puma.

Os estudos do Projeto Puma mostraram que o puma exibe alguns padrões bem definidos de abate de animais de criação:

1) Quando mata uma ou duas ovelhas (ou cabras), o felino prefere consumir vísceras, como coração e fígado, e, às vezes, o quarto dianteiro e costelas.

2) Em abates múltiplos (em alguns casos até 20 ovelhas ou cabras, em poucos dias), observam-se evidências de consumo de sangue, e pouco ou nenhum consumo de carne. Isso sugere que o puma, quando dispõe de suficiente quantidade de sangue, costuma ignorar a carne e as vísceras. As presas ficam praticamente intactas, com apenas as perfurações na garganta. Os estudos não determinaram a quantidade de sangue consumido de cada animal pelo puma, mas os pecuaristas costumam dizer que o felino deixou as ovelhas e cabras 'sem sangue' – essa idéia vem do contraste entre o corte do pescoço de um animal doméstico pelos próprios pecuaristas, quando o sangue 'jorra longe', e a ausência visível de manchas de sangue, no chão ou no próprio animal abatido, nos casos de ataque por puma.

3) As carcaças são em geral abandonadas no campo logo após o abate. Em algumas situações, porém, apenas uma carcaça, entre várias, é arrastada por vários metros, até algum local abrigado na vegetação próxima, e coberta com terra e folhço, hábito considerado comum no caso desse felino. ▶



Os ataques a animais de maior porte nem sempre são eficientes: o bezerro da imagem, atacado em cinco diferentes ocasiões, apresenta várias seqüelas, como a perfuração junto ao olho direito (resultado de um dos primeiros ataques), e teve seu desenvolvimento atrasado em função de infecções causadas pelos ferimentos

FOTO DE MAURICIO E. GRAPEL

4) São menos freqüentes os ataques a animais de grande porte, como bois e cavalos. Nesses casos, em geral, só um indivíduo é morto e apenas as vísceras são consumidas, ou as presas conseguem fugir, com alguns ferimentos ou machucados no pescoço e no focinho.

Para entender esses padrões, é preciso considerar alguns aspectos da dieta e das necessidades nutricionais do puma. Em primeiro lugar, esse felino é estritamente carnívoro: depende, portanto, de um grande consumo de proteínas animais para suprir suas necessidades energéticas. Além disso, os grandes felinos adultos alimentam-se continuamente se há fartura de presas, pois podem estocar o excesso de alimento (em forma de gordura) e permanecer longos períodos sem comer. Finalmente, esses predadores tendem a selecionar os itens de sua dieta (seja em relação às espécies predadas ou às partes do corpo consumidas) quando as presas são abundantes.

Assim, o consumo apenas de vísceras e sangue está certamente relacionado à preferência do puma por alimentos com maior valor nutritivo e energético. Os felinos são incapazes de converter betacaroteno (existente em alimentos de origem vegetal)

em vitamina A. Assim, têm que obtê-la diretamente de suas presas, pois a carência dessa vitamina prejudica seus processos reprodutivos. A vitamina A normalmente está presente, nas presas, apenas no fígado, nos pulmões, nas glândulas adrenais e nos rins, com freqüência os primeiros tecidos consumidos pelo puma. Se consumirem apenas músculos (carentes em cálcio, iodo e vitamina A) no período de crescimento, os felinos apresentarão mais tarde graves deformidades na estrutura óssea.

Já o sangue, que transporta nutrientes para as células e é de fácil absorção pelo organismo dos predadores, é rico em proteínas, lipídios, glicose, vitaminas, ácidos, sais e outros compostos, ou seja, é altamente nutritivo e energético. Para satisfazer um puma, porém, pode ser necessário o sangue de vários animais de pequeno porte, como ovelhas e cabras: há registros de estômagos contendo até 8 kg de alimento.

Sem o sangue e as vísceras, as presas provavelmente têm sua decomposição retardada, o que as preserva para uma 'refeição' posterior do puma. O abandono das carcaças talvez se deva, na área estudada, à proximidade das residências humanas, ou seja, parece estar ligado ao risco de exposição do puma a seu mais importante inimigo e à abundância de presas (os rebanhos domésticos). A presença de cães no entorno das residências nem sempre impede os ataques, mas em geral incomoda o predador.

A seleção das presas, pelo puma, é influenciada por sua disponibilidade e por sua vulnerabilidade.

Assim, o modelo de criação extensiva (com as ovelhas e cabras soltas no campo durante o dia e a noite) utilizado em Santa Catarina mostrou-se uma das principais causas do grande número de



O abandono das carcaças abatidas pelos pumas no campo é um hábito comum dos criadores – no caso registrado na imagem, o animal carregou uma ovelha para um abrigo no interior de um bosque, distante 300 m do local onde estavam os restos das outras presas

FOTO DE MAURICIO E. GRAPEL

animais abatidos a cada ataque. A maioria dos ataques ocorreu em propriedades próximas de matas, em geral com relevo irregular, situadas acima de 800 m de altitude e que não recolhiam os animais para abrigos, à noite, e não tinham cães de guarda. Assim, um grande número de animais domésticos (mais vulneráveis que espécies silvestres de tamanho similar existentes na área, como porcos-do-mato, capivaras, veados e outros) foi posto à disposição de um predador altamente eficiente.

Ataques a rebanhos acontecem principalmente nas noites mais escuras do inverno e/ou quando as condições do tempo (chuva, neblina etc.) tornam os pumas menos expostos aos humanos. Assim, o manejo adequado dos rebanhos, ao menos sob essas condições, poderia minimizar os ataques. Bovinos são menos vulneráveis a ataques de puma que animais de menor porte, como ovinos e caprinos. De fato, a maioria das fazendas com rebanhos bovinos na área estudada não sofreu ataques. O puma não costuma atacar bois, embora seja capaz disso, e quando o faz prefere bezerros, mais vulneráveis que animais adultos. Nesses casos, certamente por ser um recurso mais difícil de obter, apenas um bezerro é abatido e o desperdício é menor: o felino come as vísceras ou arrasta a presa para consumo posterior.

Morder na região da garganta/pescoço talvez seja um comportamento de ataque inato para o puma. A mordida obstrui a traquéia, matando a presa por sufocamento. Pumas com dificuldades para caçar – doentes, velhos e jovens sem experiência – são os que mais tendem a atacar rebanhos domésticos. Além disso, os filhotes aprendem estratégias de ataque e de escolha das presas observando as mães. Quando adultos, procurarão essas mesmas presas. Se os rebanhos domésticos estiverem nessa ‘lista’, é grande a chance desses jovens felinos não sobreviverem até a fase de reprodução.

Os criadores geralmente se organizam para matar o puma ou pagam caçadores para isso. Dependendo da região, o animal tem pouca chance de sobreviver a uma caçada, até porque, quando perseguido por cães, costuma procurar abrigo no alto das árvores ou entre rochas, tornando-se um alvo fácil. Embora não corra risco iminente de extinção como espécie, o puma está sujeito a desaparecer de



O porte esguio garante ao puma uma excepcional agilidade para capturar e abater suas presas

vastas áreas onde hoje é encontrado. Um modo de reverter esse processo é criar mecanismos para manter suas populações em áreas rurais, minimizando os ataques a rebanhos.

Os estudos do Projeto Puma visam contribuir para a informação de pecuaristas quanto ao manejo de seus rebanhos, de modo a evitar ataques do felino, ajudando a proteger essa espécie. A caça aos pumas devido à ‘crueldade’ erroneamente atribuída a estes não se justifica. O animal

mata mais do que consome devido às inadequadas práticas de criação, que deixa os animais domésticos vulneráveis a esse predador, cuja preferência alimentar é motivada por necessidades nutricionais.

Um agravante é a falta de uma política pública para enfrentar o problema dos ataques a rebanhos. Os pecuaristas esperam das autoridades a indenização de suas perdas ou, no mínimo, a transferência do predador para outras áreas. No primeiro caso, os criadores poderiam não mais adotar medidas de controle de ataques e, no segundo caso, o problema seria apenas levado para outra região. Uma opção seria cobrir apenas parte das perdas, desde que o manejo do rebanho fosse adequado.

Observa-se, em muitas situações, que a caça ao puma, após ataque a rebanhos, é tolerada por autoridades ambientais, basicamente porque ainda não foi definido um procedimento padrão para lidar com o problema. A solução depende sobretudo de uma política sólida de extensão rural construída pelo poder público e por organizações não-governamentais (ONGs), com procedimentos claros e objetivos, que possam ser executados de modo padronizado pela fiscalização. O primeiro passo seria regularizar um registro oficial de ataques e monitorar as áreas de conflito.

Apesar dessas dificuldades, observa-se um aumento do número de profissionais preocupados em mudar essa situação. Em conjunto, eles buscam formas de mudar esse panorama e contribuir para desmentir a imagem de fera sanguinária associada ao puma e instituir medidas que contribuam para a preservação do *Puma concolor* em nossas florestas e campos. ■